



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

SINAIS DA NATUREZA E NOVAS TECNOLOGIAS:
BUSCANDO O DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES

Chayane da Mota

BELO HORIZONTE

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FaE
Faculdade de Educação

FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

SINAIS DA NATUREZA E NOVAS TECNOLOGIAS:
BUSCANDO O DIÁLOGO ENTRE DIFERENTES GERAÇÕES

Chayane da Mota

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em 'Línguas, Artes e Literatura'.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria R. Gomes

BELO HORIZONTE – MG

2020

SUMÁRIO

SUMÁRIO	3
RESUMO	4
AGRADECIMENTOS	5
Apresentação	6
CAPÍTULO 01: A PESQUISA E A TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ	7
1.1 – A TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ	8
CAPÍTULO 02: AS ENTREVISTAS	11
2.1 - Entrevista com Dona Maria Felícia da Mota, 72 anos - Aldeia Riacho do Brejo	11
2.2 - Entrevista com o Sr. Idelino Ferreira da Gama, 62 anos - Aldeia Imbaúba	12
2.3 – As outras entrevistas	13
2.4 – Sobre os tempos que mudam (entre anciões e jovens); e sobre a mudança de tempo no conhecimento dos mais velhos e nos conhecimentos dos jovens	14
CAPÍTULO 03: AS LEITURAS E A BUSCA DE INFORMAÇÕES	22
3.1 – EXPLORANDO O TEMA DAS PREVISÕES METEOROLÓGICAS NAS PESQUISAS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXO 1 - ENTREVISTAS	29

RESUMO

Os sinais da natureza são fenômenos muito comuns no território xakriabá. Esses sinais dialogam com as pessoas passando alguma informação, sobre algo que aconteceu ou que está prestes a acontecer. Atualmente essa prática de interpretação dos sinais transmitidos pela natureza, já não tem tanta visibilidade dentro do território. Por esse motivo é comum que notemos um distanciamento entre nossos sábios anciãos e nossos jovens e crianças. Este trabalho teve como objetivo fortalecer a relação do povo Xakriabá com a natureza; mostrar como era antigamente e como é hoje esse diálogo. Outro objetivo é mostrar o ponto de vista sobre a relação da natureza por pessoas de diferentes gerações e aldeias do território xakriabá, de forma que podemos valorizar e manter a opinião de cada membro entrevistado.

Palavras-chave: sinais da natureza; Xakriabá; conhecimentos dos mais velhos; visibilidade dos conhecimentos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar a capacidade e oportunidade de realizar esse trabalho, a minha mãe Adanias Felícia da Mota, por mesmo sozinha sempre cuidando de mim, me apoiando e me incentivando a estudar, por sempre na minha vida ter feito o papel de pai e mãe numa só pessoa; o meu filho Caio Cesar por ser a minha maior motivação, para que prosseguisse minha caminhada; ao meu esposo Adenilson Alves de Barros, pelo apoio, compreensão e companheirismo que sempre teve comigo durante minha jornada pelo FIEI. Enfim, agradeço de coração a cada membro da minha família que sempre me incentivou a trilhar esse caminho; a todos os entrevistados pela atenção e contribuição que a mim dispuseram; as lideranças xakriabá, e também das outras etnias que sempre se fez presente na família FIEI, para nos fortalecer dentro do curso.

Agradeço imensamente a cada membro que compõem essa família que aqui dentro constituímos: professores, coordenadores, bolsistas, secretaria, a todos os parceiros de luta: Pataxó, Pataxó hã hã hãe, Xakriabá, Maxakali, Guarani e em especial a meus irmãos e irmãs da turma LAL.

Destaco minha gratidão e admiração a coordenadora da turma LAL, na pessoa de Maria Gorete Neto. Não poderia deixar de agradecer a minha orientadora Ana Gomes, que para mim se tornou bem mais que uma orientadora. Obrigada pela paciência, parceria e determinação que teve comigo. Agradeço a todos que de alguma forma tenham contribuído para a realização deste trabalho!

OBRIGADO!

Apresentação

Meu nome é Chayane da Mota eu tenho 27 anos, filha de Adanias Felícia da Mota, sou filha única; resido na aldeia Riacho do Brejo, sou casada e tenho um filho, Caio Cesar de 9 anos de idade. Nasci no dia 18 de março do ano de 1993, no município de Itacarambi. Morei os primeiros anos de vida fora da aldeia, aos 3 anos minha mãe regressou ao território xacriabá. Moramos por um determinado tempo na Aldeia São Domingos, como a vida não estava fácil para minha mãe desempregada cuidar sozinha de mim, ela se casou e fomos morar num município vizinho, mais uma vez moramos fora da aldeia.

Mais uma vez o destino nos trouxe de volta ao território, minha mãe se separa, voltamos novamente ao território xakriabá.

Durante essas idas e voltas eu tive a oportunidade de estudar em escola não indígena. Para mim foi uma experiência que jamais vou esquecer. Era uma escola como outras que existem no Brasil, que tratam a realidade indígena como apenas um marco do passado. Embora eu falasse minha história, e que sim existem muitos índios por esse mundo, de nada adiantava, ao invés de procurar conhecer mais da minha cultura, eu as vezes era discriminada por pertencer a um grupo que chamavam apenas de caboclo.

De volta a minha terra mãe, junto ao meu povo, eu tive a oportunidade de viver do meu jeito com pessoas como eu, praticando nosso modo de vida e fortalecendo nossa cultura.

No ano de 2015, pela terceira vez eu fiz a prova de vestibular para o FIEI, e primeiro semestre de 2016, saiu o resultado da prova e eu fui aprovada em 2º lugar.

Para mim foi uma grande conquista, entrar na faculdade e numa área que sempre gostei desde minha época de escola, sempre gostei muito de estudar língua portuguesa.

E concluindo meu curso, espero colher bons frutos, e levar um retorno para minha comunidade.

CAPÍTULO 01: A PESQUISA E A TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ

Eu sempre fui uma pessoa com uma curiosidade de está observando conversas dos mais velhos, e sempre tive uma convivência bem afetiva com alguns anciões. Nos dias atuais, é muito comum ouvir alguns anciões falar como era antigamente a relação entre a natureza e as pessoas; eles falam que as pessoas conviviam mais com a natureza, de certa forma a observavam mais;

Nossos anciões falam das mudanças ocorridas no decorrer do tempo, que antigamente seres humanos e natureza tinham um laço mais forte, que a natureza se comunicava com as pessoas, que por sua vez conseguiam interpretar o que a mesma queria nos dizer. Falam que atualmente esse laço foi enfraquecido pelas novas gerações, e muitos procuram respostas para alguns questionamentos, porque esse vínculo não está mais como antes, porque as pessoas não observam com tanta precisão a natureza, porque não dão mais atenção aos recados que a natureza nos transmite?

O que pude observar no decorrer da pesquisa, ao realizar as entrevistas, é que muitos têm certa preocupação, de tentar resgatar essa relação; que segundo eles está ficando um pouco adormecida em decorrência dos avanços tecnológicos, que por sua vez ganhou toda atenção das pessoas, em especial do público jovem, os jovens de hoje, não observam mais o que acontece em sua volta estão muito ligados ao mundo digital.

Enquanto antes as crianças sentavam com seus avôs para ouvir causos, histórias, ou observar os acontecimentos, os jovens atuais só interagem entre si por meio de redes sociais; deixando de lado a cultura da oralidade, e o diálogo com alguns sábios anciões. Deixando assim de adquirir ricos conhecimentos, que um dia podem deixar de existir;

Essa é uma situação que deixa nosso povo preocupado, porque pensando no futuro, nossos sábios não estarão mais entre nós, então se os jovens não procurar aprender, um dia nossos sábios vão partir levando com eles todos esses conhecimentos. E as próximas gerações não terão mais acesso á esse rico acervo que nossos anciões têm.

Pensando em um rico acervo de informações importantes, resolvi juntar em um trabalho os diferentes pontos de vista, sobre o tema dessa pesquisa, buscando no

presente trabalho apresentar as opiniões das pessoas, de diferentes gerações, sexo e aldeias.

A primeira pessoa entrevistada foi a minha avó, a senhora Maria Felícia da Mota, que na época da entrevista tinha 72 anos de idade, moradora da aldeia Riacho do Brejo;

Apresentei para ela minha curiosidade de entender um pouco mais sobre o assunto, e ela por sua vez se dispôs me ajudar no tivesse ao seu alcance;

Depois de realizar a primeira entrevista eu vi uma necessidade de buscar as mesmas informações em aldeias diferentes, em pessoas de sexo diferentes, e de diferentes idades, para de certa forma entender melhor qual visibilidade do assunto, através da população indígena xakriabá, por membros de diversas características.

Dessa forma tive a oportunidade de poder conhecer de perto como nossos anciões lidavam com a natureza, como dialogavam com natureza; e pude então comparar com como está esse vínculo hoje, como a geração de hoje vê a importância da natureza ou de ter esse contato com a mesma.

O que notei no decorrer das entrevistas realizadas é que muitas coisas mudaram com o passar do tempo; e no decorrer do trabalho busco mostrar quais foram essas mudanças e o porquê elas ocorreram.

1.1 – A TERRA INDÍGENA XAKRIABÁ

Falar do território xakriabá, é sinônimo de falar de luta, falarei um pouco dos enfrentamos que nosso povo teve, para chegar onde chegamos:

De acordo o livro “o tempo passa e a historia fica”, que conta a historia de luta vivida pelo povo xakriabá, desde o inicio do século xx, entre 1906 e 1910, nossas terras já estavam sendo invadida por fazendeiros (brancos) ; nesse período as terras ainda não eram demarcadas e os fazendeiros tinham a proteção de algumas autoridades; os brancos não respeitavam nenhum direito dos índios, queria a qualquer custo se apossarem das terras indígenas, oferecendo por elas objetos sem nenhuma valia;

Por volta de 1918 e 1920, muitos brancos estavam infiltrados dentre os índios, querendo roubar nossa identidade, forçando os índios a deixarem de falar sua língua materna e a deixar de praticar nossos costumes, levando nosso povo a falar o português;

Em 1960, o então cacique Manuel Gomes de oliveira iniciou seu trabalho em defesa de nossos direitos, deslocou-se até Brasília a fim de buscar uma solução que amenizasse o que vinha ocorrendo na terra xakriabá; os anos seguintes foram de muita luta do povo xakriabá para conseguir o direito sobre as terras e a liberdade de nelas viver;

Em 1979 a área foi demarcada, em só em 1987 que foi homologada e oficializada, reduzindo drasticamente a área da qual era de direito do povo xakriabá.

Segundo o Conselho Indigenista Missionário-CIMI, os Xakriabá do norte mineiro possuíam um documento da Coroa Portuguesa que lhes cedia uma área calculada em aproximadamente 130 mil hectares de terra. Este documento foi entregue a FUNAI, que por sua vez demarcou a área em 1979 (pouco mais de 46 mil hectares) e só foi homologado pelo Conselho de Segurança Nacional em 1987, isso depois que aconteceu a chacina.

Na madrugada de 12 de fevereiro de 1987, a casa de Rosalino Gomes de Oliveira (um dos mais importantes líderes do povo Xakriabá), foi invadida por um grupo de pistoleiros, liderados por fazendeiros que queriam se apossar da TIX, houve um grande tiroteio, tirando ali a vida de Rosalino e de mais dois índios, que tentavam ajudar.

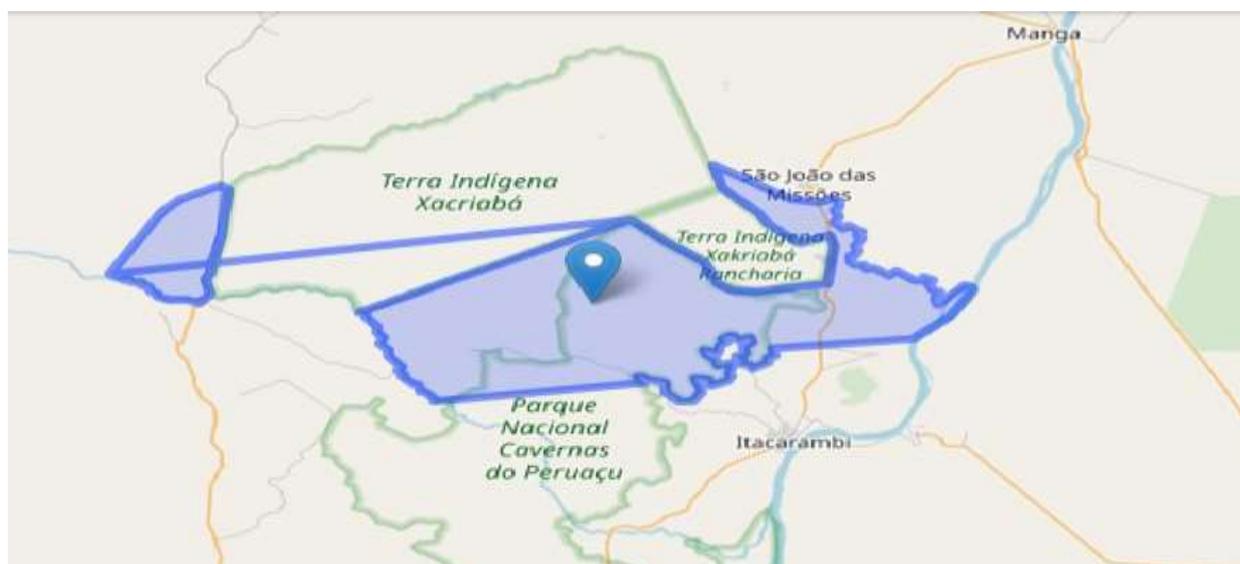
Rosalino teve a vida interrompida, porém, sua missão foi cumprida, “Rosalino assinou com seu próprio sangue a sentença de liberdade do povo xakriabá”; e hoje tem um filho atuando como cacique, dando continuidade ao legado deixado pelo pai; que sem duvida será sempre lembrado e honrado pelo povo Xakriabá.

Em 1996, o povo Xakriabá juntamente com lideranças, reivindicam a reintegração de posse de nossas terras, a Terra Indígena Rancharia, que teria ficado fora da demarcação anterior. A Terra Indígena Xakriabá-Rancharia foi demarcada em 2001 e homologada em 2003.

Localização da TIX

A Terra Indígena Xakriabá está situada no município de São João das Missões, no Norte de Minas Gerais. A TIX tem suas terras distribuídas em 36 aldeias, formando

um extenso território com cerca de 54 mil hectares de terra, onde vivem cerca de 12 mil indígenas, compondo assim a maior população indígena do estado de Minas Gerais. Além das terras homologadas, existe um estudo de ampliação dos limites, onde estão as terras de retomada. Este estudo, realizado pela FUNAI, já teve seu relatório publicado e inclui uma zona de acesso ao Rio São Francisco.



Fonte: site da FUNAI 2015

CAPÍTULO 02: AS ENTREVISTAS

A primeira entrevista foi com a minha avó, de imediato quando escolhi o tema, já tinha em mente que minha avó sem dúvida seria minha primeira entrevistada. Logo que concluí minha primeira entrevista, percebi a necessidade de interagir para fora da minha aldeia, mas queria ouvir uma versão masculina. Realizei então minha segunda entrevista, sendo uma com um ancião do sexo masculino e outra com uma anciã de sexo feminino.

Diante dos dados levantados a partir dessas duas entrevistas, pensei que seria interessante também ouvir o ponto de vista do público jovem. Pensando nisso, tive mais três entrevistas em aldeias diferentes, tendo como base uma mulher, não idosa, e um jovem e uma jovem. O meu objetivo, ao escolher quem entrevistar, foi de poder mostrar os pontos de vista de membros do território, de diferentes aldeias, idades e gênero.

Penso que temos que dar visibilidade à opinião de nossos jovens, pois certamente eles são o futuro da comunidade na qual vivem, assim como os anciãos da atualidade um dia foram jovens, os jovens de hoje um dia serão anciãos, e por sua vez vão transmitir conhecimentos adquiridos com o passar do tempo.

2.1 - Entrevista com Dona Maria Felícia da Mota, 72 anos - Aldeia Riacho do Brejo

Dona Maria Felícia da Mota, 74 anos de idade, indígena, moradora da aldeia Riacho do Brejo. Busquei deixar a entrevistada bem a vontade, porque sei que muitos de nossos sábios anciãos não ficam muito a vontade diante de uma câmera ou de gravador, tentei transformar minha entrevista, em apenas uma conversa com minha querida avó.

Na sua fala, ela cita várias espécies que são capazes de trazer algum sinal de adivinhação, faz relatos de alguma experiência vividas por ela ou por outros membros da família, que segundo ela teve algum sinal vindo da natureza.

A entrevistada também fala das mudanças ocorridas com o passar do tempo, e que hoje em dia muitas pessoas nem quer acredita se alguém contar.

Eu acredito, que eu já nasci e criei foi assim, os pai da gente falava, a gente aprendeu...

De uns tempo pra cá tamen os trem deferençou tudo, acho que o povo disacreditou das coisas que tinha antigamente.

2.2 - Entrevista com o Sr. Idelino Ferreira da Gama, 62 anos - Aldeia Imbaúba

Senhor Idelino Ferreira da Gama, 63 anos de idade, indígena morador da aldeia Imbaúba. Foi uma conversa bem tranquila, onde dialogamos sobre o assunto, deixei o entrevistado bem a vontade para falar.

Segundo o ponto de vista do entrevistado, Sr Idelino, da aldeia Imbaúba, existe vários sinais que nos avisa se a chuva está perto de chegar, segundo ele tem também algumas experiências (experimentos) que são feitas para saber quais meses serão bons de chuva, ou seja, em qual mês terá mais chuva. E falou que muitas dessas experiências ele aprendeu observando o que seus avós ou pais faziam. O Sr. Idelino conta que é possível atrás de alguns animais ou pássaros conseguirmos identificar se a chuva está próxima. O entrevistado também fala das mudanças que vem observando com o passar do tempo, as novas gerações já não tem mais esse contato, essa forma de diálogo com a natureza. Segundo ele, essas mudanças hoje vêm ocorrendo devido ao uso acelerado das novas tecnologias, pois hoje em dias as crianças não têm mais aquela infância de antigamente, as crianças sempre com celular, antenados ao uso da internet acabam por deixar essa infância, essa interação com natureza de lado. Hoje é possível notar essa mudança significativa, na relação das pessoas com a natureza! Então percebemos uma grande necessidade de resgatar, de reconstruir esses laços.

A gente tá vendo claramente as mudança né.

Eu, no meu modo de pensar, pensando assim, é a nova tecnologia que tá aparecendo.

2.3 – As outras entrevistadas

3º Entrevistada: uma jovem entre 15 e 20 anos.

A jovem expõe sua opinião do que já ouviu os mais velhos da família falar, e afirma que mesmo ouvindo alguns relatos, não possui nenhum conhecimento sobre o assunto, afirma que para um público que não vivenciou esses acontecimentos, não tem como dizer se mudou ou não, que para eles o que acontece hoje que é normal. A jovem também diz que não acredita que um pássaro seria capaz de adivinhar se vai chover, ou se alguém irá morrer, porém respeita a opinião de quem crê.

Só que pra gente que não vivenciou esses acontecimentos que os mais velhos tanto falam, a gente acha tudo normal.

Eu respeito a opinião de quem acredita né.

4º Entrevistado: um jovem com idade entre 15 e 20 anos.

Ele fala já ter ouvido muito o pai, mãe, avó e avô falar de algumas profecias se o ano seria bom de chuva, ou se algo de ruim estaria prestes a acontecer; diz também já ter ouvido comparações de como o tempo era antes e de como está hoje. Segundo ele, os mais velhos afirmam que os jovens não buscam interpretar e conhecer a natureza, por causa do envolvimento com as novas tecnologia. No papel de jovem ele já tem outro ‘parecer’ sobre as mudanças.

Mas eu acho que é porque os tempos mudaram a natureza já não é mais a mesma(...) foram muitas as transformações climáticas com o passar dos anos.

5º Entrevistada: uma mulher com a idade entre 40 e 50 anos.

Ela fala que desde muito cedo teve que aprender a lidar com o território, pois ajudava seus pais nos trabalhos da roça, e que dessa forma foi aprendendo. Falou da diminuição das chuvas na TIX, e que isso teve consequência para as famílias que aqui vivem. Relata também que enfrentou muitas dificuldades, na vida, mas que em meio à tantas dificuldades ela gosta de morar no território, e que jamais deixaria de morar aqui.

E foi assim que aprendi, tudo que sei hoje foi na peleja mesmo, enfrentado o pesado.

A gente que tá costumado aqui no meio do mato, nunca que a gente costuma cum a vida na cidade, eu mermu num troco minha vida aqui pra morar ne nenhuma cidade.

2.4 – Sobre os tempos que mudam (entre anciões e jovens); e sobre a mudança de tempo no conhecimento dos mais velhos e nos conhecimentos dos jovens

Segundo entrevista com alguns anciões xakriabá, muitas coisas mudaram com o passar do tempo, e em muitos aspectos; sempre é comum em alguma conversa entre os mais velhos a gente os ouvir falar de como era antigamente, de como era a vida das pessoas, como as pessoas interagiam com a natureza; falam que os mais velhos tinham várias experiências para saber, por exemplo, se o ano seria bom de chuva:

É isso aí o sinal que o meu avô falava né, o sinal nas pedras de sal, né, quando fais no meis de junho. Eu tenho essa experiência mais pouco... Faço, né, as veis a gente esquece, na época de são João, né, meu avô sempre fazia, né, mais a gente, a geração mais nova num pratica fazer, né, a experiência nas pedras de sal, colocar os seis montim de sal num lugar assim e cubrir cum prato branco a gente já tem experiência, o que derreter é o meis que é mió de chuva e os que num derreter, é os meis mais fraco de chuva, são os seis montim de sal que põe debaixo do prato é o que meu avô insinou, né, pra gente, eu, algumas vezes eu faço né, outras vezes eu já esqueço de fazer, né, é o sinal que a gente tem em mente né, o montim de sal que derreter praticamente tudo ele falou que é o meis mais mió de chover. Daí contando de outubro até março, né, seis meis. (Entrevista com o Sr. Idelino)

Os véi tinha tanta experiência, uns ponhava um sal na garrafa, pra ponhar é dia de fogueira de noite, põe o sal na garrafa, e põe lá no meio do sereno, pra ver, se no outro dia a garrafa amanhecesse cheia d'água, esse ano vai ser bom de chuva. E

manhecia, aquele sal derretia tudim que inchia a garrafa d'água, ai todo mundo ficava animado, esse ano vai ser bom de chuva. E se manhecesse lá seca, ê meu Deus esse ano vai ser seco. (Dona Maria Felícia da Mota)

De acordo as falas dos entrevistados, eles falam que naquele tempo as pessoas faziam experiências para saber se o ano ia chover muito, já que antigamente não tinham como saber das previsões de chuva, eles faziam suas próprias previsões para saber como ia ser. De acordo o resultado das experiências eles sabiam se o ano seria de muita ou pouca chuva, e dessa forma faziam seus planejamentos para realizar as plantações.

Antigamente os mais velhos observavam bastante os acontecimentos em sua volta, os animais, por exemplo, e segundo eles através do comportamento de algum animal era possível interpretar como um aviso ad natureza:

As formiga, as formiga na hora que ta pra chover, em veis de (...) a gente tá com os fii fora, fora guarda é dentro de casa né elas, pega o delas tudim e joga pra fora, quando a gente vê assim já sabe, tá pra chuvê. Só que de uns tempo pra cá as coisas mudou né, mais eu acho que ainda tá, elas ainda tá no mermo ainda. (Dona Maria Felícia da Mota)

De acordo à afirmação da pessoa entrevistada, esse comportamento das formigas é um recado, avisando que está próximo de começar a chover, ainda na sua fala, afirma que não só a formiga, mas que também outros animais têm o dom de adivinhar que a chuva está chegando.

Em uma de suas falas durante a entrevista, a entrevistada Dona Maria Felícia da Mota, deixa bem, claro o respeito e a crença que tem por esses sinais, pois essas eram a forma de eles se organizarem com relação ao tempo, e suas previsões, que era observar os animais:

Animais é gado, é cavalo tudo adivinha chuva, que quando tá pra chover o gado vira uma ligria só, eles pode tá longe de casa do jeito que tiver, hora que ver que tá pra chover, eles indoida tudo berrano e

despeja tudo no rumo de casa, no rumo do curral, de primeiro era assim, agente já ficava animado quando via aquilo ali.(Dona Maria Felícia)

Conta que quando via esses acontecimentos, ficavam todos animados, pois sabiam que estava prestes a chover, e assim então podiam preparar para o plantio de suas lavouras, que era de onde vinha todo o sustento da família;

No território xakriabá sempre teve uma rica variedade de espécies de pássaros, no decorrer da minha pesquisa, várias espécies foram citadas por nossos anciões como pássaros que tem o dom de adivinhar certos acontecimentos:

Uma que a gente analisa é o sabiá, né, é um sinal. Antigamente os pessoal mais velho sempre tinha aquela curiosidade, né, que o sabiá tava cantando, é o sinal que a chuva tava pra chegar, né, o priangú também é o sinal bom, né, muita gente sabe né quando ele tá cantando é o sinal que a chuva tá pra chegar também. O curió também ele trais bastante sinal, né, quando tá perto de chover, curió, passo preto né, que eles fala, é um sinal bom, né, chegada da chuva, né.(Sr. Idelino)

Todos os pássaros citados durante as entrevistas são aves que sempre existiu no território xakriabá, e conhecida por todos que nele residem.

O que se nota também no decorrer pesquisa é que as novas gerações não observam tanto a natureza ou suas espécies como nossos anciões observavam. Hoje os jovens não têm mais essa ligação com a natureza, e muitos não sabem se quer o que venha a ser o canto de tal pássaro;

E nossos anciões sem dúvida tem percebido essas mudanças, esse afastamento entre humanos e natureza, e muitos tentam buscar justificativas para isso, tentam entender o porque de os jovens não dá tanta atenção ao que acontecem ao seu redor:

E quando se questiona de o porque de tanta mudança, porque que os jovens tenham se desligado tanto da natureza, muitos anciões expõem seu ponto de vista em uma única opinião:

no meu modo de pensar, pensando assim, é a nova... a nova tecnologia que tá aparecendo. Tá deixando de seguir, as veis, até essa religião mais véia, né? Assim que acontecia antigamente, é de escrever mesmo o que era de sinal, né, e agora praticamente tá fazemo essas coisas novas que tá acontecendo ,né , a mudança ,né, no caso do celular, essas coisas né, internet, acho que tá deixando um pouco a desejar, né, nessa parte de corrigir os sinais, escrever muito sobre essa parte ,né. Que eu lembro quando nós estudava ,né, o tempo que nós estudava praticamente era só na baia da caneta, né, do lápis. E aí o professor sempre passava as informações, né, pra gente ir iscreveno, mesmo, né, e agora o pessoal tá trabaiano é cum calculadora, calculando mais cum calculadora, internet, né, tá deixando os conhecimento mais de lado,né, uma coisa que pra mim mudou foi isso, né, as veis tem gente que tá desatualizado ...as veis de ver alguns sinais né. (Sr. Idelino)

E o que pode se notar, através entrevistas ou até mesmo de conversas informais com várias pessoas do território é que um grande fator que contribuiu muito para esse afastamento das pessoas com a natureza, sem dúvida é a chegada das novas tecnologias dentro do território; pois invés de observar algum sinal da natureza para saber das previsões do tempo, a maioria das pessoas preferem ir pelo meio mais fácil, ou seja pesquisar na internet; segundo relatos dos anciões, as novas gerações não sabem como lidar com as tecnologias sem deixar a natureza de lado; afirmam que estão deixando a desejar no sentido de não saber como dialogar com a natureza. E que na verdade alguns estão desatualizado, por não saber ao menos observar os sinais.

Segundo relato de alguns jovens durante entrevista eles realmente não têm essa curiosidade de analisar os sinais, ou de procurar saber se de fato existe esse vinculo da natureza com as pessoas. Embora alguns vêm de famílias tradicionais que mantêm essas crenças, os jovens não despertam em si nenhum interesse em aprender um pouco mais sobre o que ouvia de seus pais ou avós.

Apresento a seguir o relato de alguns jovens, sem porém identificar quem é a pessoa pois o que me interessa é somente demonstra um posição que é muito comum entre os jovens de muitas aldeias:

Bom, eu não tenho muito conhecimento sobre esses assuntos, embora ouvia de pessoas mais velhas da família, quando diziam (e ainda dizem até hoje) que a natureza nos transmite vários recados.(...)

(...) Eu nunca parei para prestar atenção se realmente quando a coã canta se morre alguém, ou se chove(...)

Na fala do jovem ele deixa bem claro que realmente nunca teve a curiosidade de observar se de fato após algum sinal da natureza se aconteceria algo diferente.

Alguns jovens mostram uma certa segurança e tranquilidade, quando diz respeito a natureza.

Entretanto há jovens tem opiniões diferentes quando se trata dessa relação com a natureza.

Eu acho que é porque os tempos mudaram a natureza já não é mais a mesma, não é mais como antes, que a natureza se “manifestava” para as pessoas, muitas espécies de árvores e animais já não existem mais. Foram muitas as transformações climáticas ocorridas com o passar dos anos.

Tem jovem que afirma que esse afastamento entre as pessoas e a natureza se deu devido à ausência de algumas manifestações da natureza que por sua vez, ocorreu devido as mudanças climáticas sofridas pelo território no decorrer do tempo.

Os sinais da natureza sempre predominaram no território xakriabá, e através desses sinais nossos anciãos ficavam sabendo da previsão do tempo, se o ano ia ser bom de chuva se os riachos teriam enchentes, dentre outros acontecimentos que os sinais avisavam (como por exemplo, quando estava prestes a acontecer alguma morte).

Sempre foi comum esse laço entre as pessoas e a natureza, onde sempre a natureza trazia recados (avisos) como forma de sinais e as pessoas tinham (tem) a sabedoria de conseguir decifrar esses sinais;

Porém no decorrer do tempo houve uma mudança significativa no território, mudanças essas que teve uma grande influencia nos conhecimentos tradicionais, dentre as mudanças ocorridas destaco aqui as mudanças climáticas e a chegada da tecnologia.

Antigamente no território xakriabá as pessoas tiravam o sustento da família do próprio território, através do cultivo das imensas roças que plantavam; naquela época as pessoas do território não tinham trabalho assalariado e também não havia a necessidade de que saíssem das aldeias em busca de trabalho em outros estados; os homens preparavam as roças e ali trabalhavam com a própria família; E dessa forma existia uma proximidade muito grande entre pais e filhos, irmãos entre irmãos, avô/avós com seus netos, dentre outros laços familiares, pois trabalhando todos ali juntos os mais novos, como as crianças e adolescentes iam adquirindo diversos conhecimentos, não só sobre a natureza, mas de um modo geral.

Outra prática muito realizada na época eram os mutirões, ou “ajuntamento” como muitos preferiam chamar, os mutirões eram realizados mais no tempo da derrubada das roças. Onde ali se juntava um grande numero de homens para derrubar a roça de alguém, depois aquele mesmo grupo iam passando de roça em roça de um dos membros do grupo, até que todos tivessem finalmente com suas roças derrubadas.

O que nas roças eram produzidos serviam para a alimentação e fonte de renda da família, pois do que plantavam uma parte era pra consumo familiar e a outra parte era vendido em municípios vizinhos, o dinheiro era usado para comprar roupas, ou outros alimentos que não eram produzidos nas roças;

Outro meio de sustento das famílias xakriabá era a caça e a pesca, porém tudo isso teve uma mudança significativa, devido a diminuição das chuvas no território, e com isso não era mais possível cultivar grandes lavouras, pois a colheita já não era tão rica como antes, algumas espécies de animais e plantas/arvores , que existiam foram aos poucos desaparecendo do território, essas mudanças no clima sem duvida mudou totalmente a rotina de vida das famílias que aqui vivem.

Essa relação de diálogo entre as pessoas com a natureza essa observação dos sinais por ela transmitidos se dava através da necessidade de cultivar roças, pois essa era a única forma de garantir o sustento da família;uma vez que essa fonte de renda foi diminuindo, então houve a necessidade de as pessoas se deslocarem do território a procura de trabalho para assim garantir o sustento da família; geralmente os homens

saem, as mulheres ficavam no território cuidando dos filhos, da casa, das criações e cultivando alguma rocinha. (Atualmente o numero de pessoas que se deslocam das aldeias para trabalhar em outros estados tem diminuído, devido ao acesso a trabalhos assalariados dentro do próprio território.)

Dessa forma as pessoas foram aos poucos se desligando, foram perdendo a conexão com a natureza; pois não tinham tanto tempo para observar os sinais que por ela são transmitidos.

Ainda segundo o ponto de vista das pessoas entrevistadas, outro fator que também contribuiu para a perda desse vinculo das pessoas coma natureza, foi a chegada da tecnologia no território (energia elétrica, TVs, internet, aparelhos celular...dentre outros), pois com isso as pessoas não tem mais aquela disposição para observar ou ter a curiosidade de decifrar os sinais da natureza; antigamente as pessoas se reuniam a noite, acendiam uma fogueira e iam conversar, contar causos, historias, e assim iam transmitindo conhecimentos para as novas gerações que ali se faziam presentes e atenciosos para tal descobertas.

Enquanto hoje a pessoas não fazem mais essa prática, pois ao invés dessas rodas de conversa as pessoas preferem vê televisão, acessar internet. Segundo o que foi falado por alguns anciões entrevistados, antigamente as crianças e jovens tinham mais curiosidade para aprender sobre a natureza e seus fenômenos, quando observava algum acontecimento do qual não tinham conhecimento, buscavam imediatamente aprender do que se tratava; as crianças desde de bem pequenas acompanhavam seus pais ou avos nos afazeres das roças, dessa forma iam adquirindo conhecimento importantes sobre a natureza.

Infelizmente o que se tem notado é que hoje em dia as crianças e jovens estão perdendo ate mesmo esse contato com a própria família e com a natureza, pois passam maior parte do seu tempo diante da tela do celular ou computador. Essa realidade vem se revelando cada vez mais no povo Xakriabá.

Hoje quando pergunta algum ancião o que acha dessas novas tecnologias, eles respondem que tem uns pontos em que foi bom e outros que foi ruim. Dizem que foi bom porque facilitou bastante a vida das pessoas, em meios de transportes e comunicação principalmente; e foi ruim porque, fez com os jovens deixassem de lado outros costumes que também são importantes no nosso dia a dia, uma boa relação com a

família, ate mesmo deixar de praticar nossa cultura; antigamente as pessoas andavam mais era a pé, não existia tantos meios de transporte igual hoje, algumas pessoas tinham cavalo, e quem não tinha andava a pé, desse modo as pessoas tinham mais facilidade de observar a natureza em geral ao seu redor, como por exemplo, as variedades de arvores e animais que existiam, hoje ninguém anda mais a cavalo ou a pé, as pessoas só querem saber de andar de moto.

Antigamente as crianças, moças e rapazes andavam e trabalhavam com seus pais, e assim adquiriam conhecimento, através do que ouvia dos causos e narrativas, que pelos seus pais e avós eram contados; Enquanto hoje, os garotos quando começam ficar rapazes só querem saber de trabalhar quando remunerado, para assim conseguir comprar moto, aparelhos celular, roupas e sapatos da moda etc.

E alguns que já tem seus mimos nem se quer querem saber de trabalhar juntamente com os pais; ou nem ao menos dialogar com a família.

Dessa maneira nossos sábios anciãos vêem a tecnologia como um grande vilão responsável por afastar as pessoas da natureza; ainda usam um ditado; que as redes te aproxima de quem mora distante, e te distancia de quem mora junto; (segundo eles porque muitas vezes um jovem daqui tem amizade virtual e bate papo com uma pessoa ate de outro país, e na maioria das vezes nem se quer conversa direito com o pai, mãe, irmão, ou avós!)

Entretanto a tecnologia pode sim ser usada para fortalecer e dá uma maior visibilidade aos conhecimentos tradicionais. Durante meu trabalho de pesquisa, ao me deparar como tantas opiniões com relevâncias diferentes sem duvida, pois cada ponto de vista tem um papel diferente nessa jornada que nos leva a entender o que de fato aconteceu com tanta experiência que aqui existe.

O que pude notar ao trilhar esse caminho é que a chegada das novas tecnologias pode sim nos levar a despertar esses conhecimentos, ou seja é possível aproveitar dos benefícios das novas tecnologias para trazer uma visibilidade maior aos ensinamentos de nossos sábios anciãos.

CAPÍTULO 03: AS LEITURAS E A BUSCA DE INFORMAÇÕES

No decorrer da pesquisa me deparei com diferentes opiniões sobre as mudanças ocorridas na relação entre as pessoas e a natureza; uma vez que desde o início da pesquisa meu foco sempre foi abordar o tema por membros do território de diferentes gerações;

Mas o que no momento da escolha do tema não me ocorreu é que, eu, no papel de pesquisadora iria passar por um “perrengue”, como relatarei a seguir. Justamente por ouvir opiniões tão opostas, tive uma série de dúvidas de o que fazer, e como fazer, diante de tal situação;

De um lado a opinião dos nossos sábios anciões, peças fundamentais de toda uma história de vida, pessoas que viveram numa época completamente diferente de hoje e com uma rica bagagem de sabedoria a ser transmitida para as novas gerações. E por outro lado, a opinião dos jovens que convivem numa realidade bem diferente de nossos pais, avós; um mundo completamente modernizado, e que sem dúvidas jovens esses que faz parte da construção de um futuro!

Nossos sábios anciões contam em seus relatos que os jovens de hoje estão um tanto ou quanto desligados da natureza e de tudo que acontece ao seu redor; segundo eles esse tipo de comportamento por parte desse público jovem ocorre devido aos jovens estarem muito presos ao mundo modernizado, e que só querem saber das novas tecnologias. Tecnologias essas que, na opinião de alguns mais velhos das aldeias, é o principal fator responsável por afastar nossos jovens da natureza; Muitos usam alguns argumentos como exemplo desse distanciamento; contam que antigamente o único meio de transporte que existia no território era cavalos e carro de boi, dessa forma as pessoas se deslocavam para onde quer que fosse, mas não perdia esse vínculo com a natureza, pois ao mesmo tempo que seguiam viagem, observava-se a natureza; as árvores, os animais, etc; também era possível andar pela mata para “cortar caminho”; e assim as pessoas ficavam mais próximos da natureza e de tudo o que nela existia;

Nesse momento diante do rumo que minha pesquisa tomava, me vi cercada por uma enorme dificuldade, de o que pesquisar, quem entrevistar, o que eu deveria perguntar. Cogitei várias possibilidades, inclusive mudar de tema, entretanto toda vez

que pensava em mudar, eu me dava conta cada vez mais era realmente o que eu queria mostrar.

No caminhar da pesquisa eu fiz várias observações, queria no meu trabalho mostrar a relação que pode existir entre os sinais da natureza e as novas tecnologias, ou seja, mostrar a relação que existe entre os saberes tradicionais e científicos.

Então, pensando nas diversas possibilidades de transmissão de conhecimentos, fui buscar novas informações através de leitura de textos e outros materiais que dialogam com o tema em questão. Além disso, ousei buscar novos alvos para minhas entrevistas com jovens, para de certa forma poder despertar no público jovem a curiosidade de, a partir do meu trabalho, estar aprofundando seus conhecimentos para assuntos voltados para essa relação com a natureza, ou seja, de poder conciliar a convivência com o mundo modernizado sem perder esse vínculo com a natureza.

Outro motivo pelo qual tomei essa iniciativa foi poder dar mais visibilidade à opinião das diferentes gerações, para assim tirar essa “parede” que existe acerca dos conhecimentos, pois pude perceber ao longo da minha pesquisa que os conhecimentos, na maioria das vezes, podem estar subdivididos por gênero, pelas gerações e/ou pelo lugar de moradia.

3.1 – EXPLORANDO O TEMA DAS PREVISÕES METEOROLÓGICAS NAS PESQUISAS

Para explorar mais o tema das previsões e sinais da natureza, fiz a leitura do livro do antropólogo Renzo Taddei (2017), cujo título é *Meteorologistas e profetas da chuva: conhecimentos, práticas e políticas de atmosfera*. Apesar de ser um texto longo sobre o tema, e nem sempre simples de compreender, foi possível retirar algumas ideias que considero muito importantes para a discussão que estou trazendo em minha pesquisa.

O autor afirma que os antropólogos realizam pesquisa com pessoas de diferentes comunidades para descrever o modo como fazem “previsão do futuro como parte de suas práticas culturais, organização social e sistemas econômicos” (Taddei,2017,p.29). Essa é uma prática que aborda diversos conhecimentos, pois em vários outros lugares onde predomina os conhecimentos tradicionais, é comum que pessoas façam algum tipo

de experiência ou observação para saber se o ano será ou não bom de chuva, como dizia Dona Maria Felícia:

Uns ponhava sal na garrafa; pra ponhar é dia de fogueira de noite. Põe o sal na garrafa e põe no sereno, pra ver se no outro dia a garrafa amanhecesse cheia de água, esse vai ser bom de chuva. E manhecia, aquele sal derretia tudim que enchia a garrafa de água; aí todo mundo já ficava animado, esse ano vai ser bom de chuva. E se amanhecesse la seca, ê meu Deus esse ano vai ser seco. (Entrevista com Dona Maria Felícia da Mota).

É comum que existam as profecias, e os profetas da chuva – aqueles que fazem suas previsões de acordo com seus conhecimentos tradicionais. As previsões podem estar relacionadas ao medo de enfrentar o mundo como ele está hoje. “A atividade preditiva está frequentemente associada a alguma forma de medo do presente e tende a configurar parte de uma atitude mais ampla de reação ou resistência” (Taddei, 2017, p.47).

As profecias da chuva estão muito ligadas aos costumes e tradições, crenças e/ou religião de cada povo, na maioria das vezes, podemos notar em algumas regiões que tais conhecimentos não predominam. “A profetização das chuvas insere-se nas tradições de messianismo na região Nordeste e no poder incontestado da simbologia religiosa na forma como a população vivencia o meio ambiente” (Taddei, 2017, p.108).

Ainda sobre a inserção ou observação das profecias, ouve-se muito falar das tecnologias e/ou mudanças de religião: *a nova tecnologia que ta aparecendo, tá deixando de seguir, as veis, até essa religião mais veia né!* (Entrevista com o Sr. Idelino Ferreira Gama).

No que diz respeito às previsões de chuva, é comum notar uma unanimidade que existe acerca da importância desses conhecimentos, pois em vários textos de antropólogos e/ou entrevistas realizadas para teses ou outros trabalhos, onde todos falam do processo de como a natureza e os seus seres participam dessas previsões, “há uma série de estratégias aparentemente recorrentes na forma como a natureza e os animais (e seus corpos) participam do processo” (Taddei, 2017, p.182).

A natureza em seu conjunto tem um encanto mais que especial, os animais mudam seu comportamento em determinada época, cabe as pessoas fazer essa

observação, ou seja, eles trazem um sinal e os humanos tem apenas que saber interpretar: “ as formigas e cupins, se estiverem retirando comida velha de dentro dos ninhos, estão limpando-os e dando espaço para o advento de alimento novo, que só virá com a chuva. Se estiverem abandonando ninhos em terras baixas, no leito seco dos rios, por exemplo, estão se salvando da inundação, que só ocorrera com a chuva” (Taddei, 2017, p.182).

Da mesma forma Dona Maria Felícia comenta:

As formiga, na hora que tá pra chuve , em veis de (...) a gente tá com fii fora, guarda é dentro de casa né? Elas, pega os delas tudim e joga pra fora; quando vê assim já sabe que vai chover. (Entrevista com Dona Maria Felícia da Mota).

Cada pessoa tem uma forma de saber como lidar os conhecimentos, muitas vezes os sinais estão bem presentes no nosso dia a dia, porém não é qualquer pessoa que sabe interpretar; sabemos que existe quem domina só o conhecimento tradicional e quem domina só o conhecimento científico, e é nosso dever saber respeitar ambos.

Para concluir essa parte, vou trazer uma anedota sobre esse tema e que achei muito interessante contar:

“Uma piada muito popular no vale do Jaguaribe, durante o período de pesquisa de campo, diz o seguinte:

Meteorologistas pedem hospedagem na casa de um senhor idoso, no sertão, para passarem a noite. O senhor lhes oferece um quarto no interior da casa; os meteorologistas, no entanto, dizem que dormirão no alpendre, onde instalarão suas redes. O senhor diz então que vai chover à noite. Os meteorologistas dizem com certo desprezo, isso não está previsto e, ainda mais o céu está claro e limpo’. O senhor então entra na casa e tranca a porta. No meio da noite ele é despertado pelos meteorologistas, que golpeiam a porta, debaixo de um forte temporal. Pela manhã, os meteorologistas perguntam ao idoso como ele sabia que ia chover. Ele aponta para um burro, parado em frente a casa: ‘Vocês veem esse burro? Ele não tem as duas orelhas e não gosta que água entre em seu ouvido. Por isso, quando ele vai dormir debaixo daquela cobertura ali, isso é sinal de que vai chover’. Moral da história: mais vale um burro meteorologista do que um meteorologista burro” (Taddei, 2017, p.76).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de muitas dúvidas sobre meu trabalho, busquei trilhar por novos caminhos, e dentro do meu trabalho eu busco mostrar a relação do conhecimento tradicional com o conhecimento científico, ressaltando a importância de ambos na história do passado, presente e futuro do povo Xakriabá.

Durante as entrevistas, e até mesmo por meio de conversas informais com pessoas de mais idade, é comum que percebemos que muitos de nossos mais velhos têm certa rejeição em aceitar as novas tecnologias, ou seja, muitos veem a tecnologia como um grande vilão no sentido dos aprendizados e ensinamentos dos conhecimentos tradicionais. Como muitos dizem que os jovens não se interessam mais pelos saberes tradicionais devido à forte conexão com o mundo das novas tecnologias.

Já segundo os jovens, não é sobre ser muito ligados as novas tecnologias, é devido às mudanças de hábito ocorridas no mundo em geral.

O que podemos afirmar é que, de fato muitas coisas mudaram, porém não dá para culpar nada pelas mudanças sofridas; o que cabe a nós é aproveitar o conforto e praticidade que esse mundo modernizado nos oferece para dar uma visibilidade maior a alguns temas que percebemos que já não tem tanta prioridade como antes; ou seja as novas tecnologias das quais alguns de nossos anciões tem repúdio, podem ser usadas de diversas maneiras positivas.

Um exemplo de uma parceria com da tecnologia para ajudar nos ensinamentos de conhecimentos tradicionais é uma entrevista realizada com um ancião e registrada por celulares, gravadores ou máquinas/câmeras fotográficas. Dessa forma, as novas tecnologias estão contribuindo de maneira positiva para que o conhecimento de nossos sábios possa ser transmitido para as novas gerações.

Talvez, realmente um jovem não queira mais se sentar com algum membro mais velho da família para conversar ou fazer perguntas sobre assuntos diversos; mas se um jovem ver um vídeo, depoimento/entrevista com um mais velho de sua aldeia, provavelmente ele terá curiosidade de saber o que aquele vizinho está fazendo/falando

ali. Dessa forma os vídeos vão sendo compartilhados, podendo dessa forma estar levando uma visibilidade maior aos ensinamentos de nossos anciãos.

O fato de um jovem não ter esse contato direto com a natureza não significa que não podem ter um conhecimento sobre ela; eles podem sim ter esse conhecimento através de um meio digital, e a partir daí quem sabe até estar despertando em si uma curiosidade em saber se realmente acontece da forma como leu.

Hoje em dia o mundo está completamente modernizado, é possível realizar muita coisa através das redes sociais, por exemplo no momento atravessamos um momento muito difícil, devido a pandemia do COVID 19, e o mundo praticamente parou diante da gravidade da situação que nos cercou; a tecnologia foi uma parceira muito importante no enfrentamento desse vírus, através do uso da tecnologia foi bem mais fácil desenvolver e passar a diante muitas informações importantes de medidas de prevenção e no controle da pandemia; facilitou bastante a comunicação entre as pessoas isoladas.

Nos casos de monitoramento, o uso da tecnologia é de fundamental importância, no levantamento de dados importantes da pandemia, bem como divulgação de notícias importantes, como por exemplo número de casos, óbitos, casos curados, aldeias com casos confirmados.

Enfim, vivemos um momento em que devemos habituar ao contexto, ou seja, não tem como viver em mundo modernizado sem fazer parte dele, as novas tecnologias podem ter um papel muito importante no resgate, na preservação e na transmissão dos conhecimentos tradicionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rebeca Cássia. *Resistências semiáridas: sobre a produção e circulação de conhecimentos pela rede sociotécnica do milho, estiagem e os indígenas Xakriabá do norte de Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Educação). UFMG, Belo Horizonte, 2019.

TADDEI, Renzo. *Metereologistas e profetas da chuva: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera*. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.

ANEXO 1 - ENTREVISTAS

Entrevista com Dona Maria Felícia da Mota, 72 anos-Aldeia Riacho do Brejo

Queria que a senhora me falasse um pouco sobre a natureza e alguns sinais de adivinhação que existe, se tem alguns “bichos” que adivinham alguma coisa;

As furmiga, as furmiga na hora que ta pra chover, em veis de (...) a gente tá com os fii fora, fora guarda é dentro de casa né elas, pega o delas tudim e joga pra fora, quando a gente vê assim já sabe, tá pra chuvê. Só que de uns tempo pra cá as coisas mudou né, mais eu acho que ainda tá, elas ainda tá no mermo ainda.

Animais é gado, é cavalo tudo adivinha chuva, que quando tá pra chover o gado vira uma ligria só, eles pode tá longe de casa do jeito que tiver, hora que ver que tá pra chover, eles indoida tudo berrano e despeja tudo no rumo de casa, no rumo do curral, de primeiro era assim, agente já ficava animado quando via aquilo ali. De uns tempo pra cá é que mudou, tá essa secona ainda tamen mudou, né, mas... acho que os bichim ainda divinha até hoje.

É pássaro, é tudo, aqueles anum preto que a gente chama ele de anum de cheia, quando ucê ver ele cantano inriba no alto, pode esperar que é chuva, inverno, tá pra dá inchente grande nos rios.

Eu: E os animais assim, que adivinha outras coisas, assim que adivinha morte, outras coisas assim também?

O gado tamem adivinha, mais diz que o gado é com o dono dele né? Que vê gado tá doido na bera do curral berranu, no curral, podia esperar que o dono tava pra morrer, já aconteceu muito isso aí, o dono La labutano com o gado e os gado tudo ao redor dele berranu, berranu, berranu ninguém nem pensava nada, pensava que não dava o sinal o quê que era.

E os passarim, tem muitos passarim que adivinha coisa também né? Que adivinha morte, essas coisas assim!

Agora da morte é aquele Passarim pintado, aquele passo pintado que o povo chama ele pirro, aquele adivinha morte, cê vê ele tá in redor rudiando a casa e cantado, pode esperar uma mau noticia, seja o que for.

E a coã?

A conhã tamen é, ela adivinha, mas a conhã tem o jeito dela cantar quando é pra chover né? Que quando ela... “Quando tá pra morrer um ela grita: vai á cova”. E quando é pra chover ela fica (uuhuu, uuhuu) num. num fala vai á cova direitim Cuma ela fala quando tá pra morrer alguém não, assim ela tá divinhanu chuva.

E tem o que o povo fala que ela adivinha, que diferencia quando vai morrer gente de idade ou quando vai morrer criança também?

É pela aí, gente di... pá criança nós tinha a experiencia era no céu

Nu céu, mostra uns sinal, aparece du tipo dum véu de nuve, bem fininho, intão a gente já sabia quitava pra morrer uma criança ou intão uma moça virgi. E tudo era certeza mermu.

E tem também uma questão do caminho Santiago que vê no céu, que o povo fala.

Tem tamen o camim de Santiago, que mostra quando tá pra ficar um casal viúvo, é umas mancha roxa que aparece, três mancha roxa que aparece no caminho de Santiago, é que tá pra um casal ficar viúvo e é certo tamen..

E a coã, vó? A sinhora acha que ela adivinha mais assim questão de morte, ela canta mais quando já aconteceu? Ou adivinha o que ainda vai acontecer?

A coã adivinha o que vai acontecer, mas muitas vezes é que já aconteceu, quando vê elas cum aquela bateria cantando, pode esperar, é por que já aconteceu em algum lugar, depois vem a noticia.

E tem outro Passarim também, é o tisoureiro?

O tisourero é aquele que passa di cima das casa, voando, fazendo um barui, igual de um pano rasgando, tamen é outro sinal.

Hoje... hoje em dia esses sinal ta muito assim... acontece também, só que hoje muitas pessoas , num sei , parece que não sei se não acredita, ou se não ta mais

igual antigamente, mais e antigamente como que era? Toda vez que vinha um sinal desses acontecia mesmo alguma coisa né?

Antigamente toda vez que aparecia um sinal desse, sempre acontecia alguma coisa, podia esperar a notícia mais tarde; hoje ainda tem muito desses sinal, mais muitas pessoas parece que não acredita, eu acredito, que eu já nasci e criei foi assim, os pais da gente falava, a gente aprendeu.

E tem algum caso assim alguma coisa que aconteceu na família ou algum conhecido da senhora daquele tempo ou de agora que teve algum sinal de alguma adivinhação?

Já, já teve uma prima minha. Ela tava esperando ganhar criança, ela morava aqui no riacho do brejo e o pai dela morava lá na beira do Itacarambi, aí ela deu de ir passear com ele;

- eu vou lá pra casa de pai hoje vou dormir lá, pra nós prostrar a noite inteira;

Aí já, deixa que já tinha vindo uma voz pra ele três vezes; disse: A filhinha vem despedir do papai; ele deitou num banco de dia e acordado e escutou essa voz, ele levantou ficou assim espantado, depois tornou deitar tornou falar, tornou deitar e tornou falar. Aí ele disse que ficou quieto num disse nada ninguém, que a gente nem que ver num pode dizer nada ninguém mesmo não, tem que ficar calado, aí ele ficou quieto e ficou naquela tristeza, esse dia ele já não jantou, no outro dia cedo num quis café. Aí a finada tia Maria ficava em redor dele:

- que é Lôro que tem? Que tristeza é essa?

- nada não!

- Cê tá sentindo alguma coisa? (que ele era doente da hérnia)

- não, não tô sentindo nada não!

- e que tristeza é essa?

- nada não!

Aí quando foi no outro dia cedo ela veio embora pra cá; chegou aí ela ganhou nenê, aí mandou recado pra eles que viesse panhar ela, que tinha ganhado nenê e tava passando mal, dando um mal feio; aí vieram atrás dela, levaram ela numa rede pra lá; Quando foi

de noite ela morreu;depois que Le foi falar que já tava sabendo que ela ia morrer por isso que ficou nessa tristeza, mas num disse nada ninguém, que a gente num pode falar mesmo não nem que a gente tiver um sinal, a gente tem que ficar quieto ,que disse que ali trapaia,num pode falar não!

Eu: mas atrapalha como, o que podia acontecer se ele falasse?

Porque se Lea não morresse daquela, podia morrer de outra pior né, mais pra frente, então agente quietava, ficava quieto; (...)

Eu: E o beija-flor, tem dois tipos de beija flor, cada um adivinha uma coisa diferente?

Daquelas que só chupando as flor ai até que não, é d'uma meia preta tem uma listra branca no pescoço aquela adivinha morte também , tiver ai num canto ai vier uma e bater no cê, já pode esperar a noticia,e já aconteceu comigo lá em casa; pai vivia doente, mais tava andando,conversando ai alegre ;ai ficou uns treis dia assim ela vinha pra bater na minha cabeça e voltava, tornava no outro dia, uns treis dia; quando passou os treis dia ele morreu, caiu no meio da casa, caiu já morreno. Ninguém, agente vai falar ninguém acredita nisso não, mais agente já viu agente acredita.

Eu: E quando vem uma situação dessas assim, é questão de beija flor ou a gente escuta coã cantano a gente já fica espiritando uma noticia ruim.

Tem o mangangá também, só que o mangangá tem duas posição, ele adivinha coisa ruim, mais ele também se o cê tiver um parente longe da gente ele adivinha carta também, já aconteceu comigo também.

E como é que sabe? Tem alguma diferença se vai ser noticia ruim ou se vai ser boa?

Tem não, isso ai ninguém sabe né, uma hora a gente fica esperando que vai ser noticia boa e é uma ruim. Mas já aconteceu comigo, eu...mangangá ficar incutido atrás de mim, todo dia ele vinha na porta de casa, e só batia ne mim, nos outro não. Era esse povo que eu tem né Goiás, escreveu pra mim, a primeira vez, ô alegria meu Deus do céu; dai em diante eu descobri que é certeza mesmo;

De uns tempo pra cá tamen os trem deferençou tudo, acho que o povo disacreditou das coisas que tinha antigamente.Diferença mesmo.

É (...) eu acho que isso aí é uma forma que os bicho tem de conversa com a gente, de comunicar com as pessoas né?

É, e eu acho que tudo isso é mandado por Deus, é Deus é que manda, mas o povo, tá discredita até de Deus, como é que vai acreditar nas coisa que Deus deixou.

Cachorro também, o povo fala que cachorro adivinha alguma coisa;

É, adivinha, eles disgrama urrar de noite inteira, igual já aconteceu aqui, a gente já tem até medo;

É (...) da chuva, de primeiro, por isso é que falo que muitas coisas mudou mermo, a chuva só vinha de cá ó, do lado de cima, quando, o ano que formava de cá de baixo, dos lados, dizia : ê meu deus esse ano vai ser seco , a hora que formava aqui de cima, todo mundo já ficava animado, que o vento virava , só vinha de cima pra baixo, e a chuva também, e aí chuvia as águas inteirinha;

Então o ano é bom de chuva quando a chuva vem do lado que o sol entra?

É, tudo isso mudou, que hoje tá chovendo, a chuva tá vindo de todo lado.(...)

E as roças, tem algum sinal, que o povo fala assim se vai ser bom de roça, assim?

É de primeiro até tinha, mais de uns tempo pra cá acabou isso, né, que os véi tinha tanta experiência , uns ponhava um sal na garrafa , pra ponhar é dia de fogueira de noite, põe o sal na garrafa, e põe lá no meio do sereno, pra ver , se no outro dia a garrafa amanhecesse cheia d'água , esse ano vai ser bom de chuva. E manhecia, aquele sal derretia tudim que inchia a garrafa d'água, aí todo mundo ficava animado , esse ano vai ser bom de chuva. E se manhecesse lá seca, ê meu Deus esse ano vai ser seco.

Tudo isso cabou , essas experiência tudo cabou.

Entrevista realizada com o Sr. Idelino Ferreira da Gama, de 62 anos de idade residente na aldeia Imbaúba!

O Senhor Idelino atuou como liderança da aldeia por um período de 15 anos.

Bom! Seu Delino, assim essa conversa que eu ter com o senhor, é sobre alguns sinais da natureza. Eu tô fazendo essa pesquisa para meu trabalho de conclusão do curso do FIEI; Eu escolhi esse tema, e o meu propósito é pegar algumas pessoas mais velhas de algumas aldeias, né! Tem mais idade pra gente tá conversando, sobre, sobre esse assunto. Que é um assunto assim que eu sempre tive curiosidade de entender, né. Eu sempre observava vó, assim, algumas coisas que ela falava, e aí surgiu esse trabalho lá, e eu vi essa importância, e aí eu queria que o senhor falasse um pouco pra mim sobre alguns sinais da natureza que o senhor conhece que indica chuva, por exemplo, né? Algum... Assim da natureza, tipo vento, nuvem, ou alguns animais mesmo que o senhor conhece que adivinha chuva. Aí se senhor puder tá falando pra mim alguns.

...A gente tem assim aquele conhecimento, assim da previsão do tempo, quando a chuva vai chover. Uma que a gente analisa é o sabiá, né, é um sinal. Antigamente os pessoal mais velho sempre tinha aquela curiosidade, né, que o sabiá tava cantando, é o sinal que a chuva tava pra chegar, né, o priangú tamém é o sinal bom, né, muita gente sabe quando ele tá cantando é o sinal que a chuva tá pra chegar tamem, né, quando a pessoa tá trabalhando e “sua” bastante a memória, né, é sinal que a chuva tá pra chover. O curió tamem ele trais bastante sinal, né, quando tá perto de chover, curió, passo preto né, que eles fala, é um sinal bom, né, chegada da chuva, né.

É e tem assim alguma diferença, tem algum sinal que... Que os mais velhos já fica animado assim se o ano vai ser bom de chuva, tem algum tipo de diferença de algum sinal, se o ano vai ser bom de chuva ou se a chuva vai ser mais pouca assim?

É isso aí o sinal que o meu avô falava, né, o sinal nas pedras de sal, né, quando fais no meis de junho. Eu tenho essa experiência mais pouco... Faço, né, as veis a gente esquece na época de são João, né, meu avô sempre fazia, né, mais a gente, a geração mais nova num pratica fazer, né, a experiência nas pedras de sal, colocar os seis montim de sal num lugar assim e cubrir cum prato branco a gente já tem experiência, o que derreter é o meis que é mió de chuva e os que num derreter, é os meis mais fraco de chuva, são os seis montim de sal que põe debaixo do prato é o que meu avô insinou, né, pra gente, eu, algumas vezes eu faço né, outras vezes eu já esqueço de fazer, né, é o sinal que a gente tem em mente né, o montim de sal que derreter praticamente tudo ele

falou que é o meis mais mió de chuver. Daí contando de outubro até março, né, seis meis.

É e aí o senhor tocando numa parte também que eu queria uma pergunta assim antigamente as pessoas tinha mais essa, essa relação né, de observar esses sinais, de dizer se ia ser bom de chuva, se a chuva tava próximo a chegar se o ano ia ser bom de chuva né, e hoje em dia a gente percebe que a geração de hoje não tá tendo mais essa relação assim né com a natureza de modo geral, nem com os animais... É o senhor também percebe essa mudança que teve assim no decorrer do tempo assim. E o quê que o senhor acha que, que fez com que os jovens e as crianças perdessem o interesse de tá tendo esse contato com a natureza?

Eu, no meu modo de pensar, pensando assim, é a nova... A nova tecnologia que tá aparecendo. Tá deixando de seguir, as veis, até essa religião mais véia, né? Assim que acontecia antigamente, é de escrever mesmo o que era de sinal, né, e agora praticamente... Tá fazemo essas coisas novas que tá acontecendo, né, a mudança, né, no caso do celular, essas coisas né, internet, acho que tá deixando um pouco a desejar, né, nessa parte de corrigir os sinais, escrever muito sobre essa parte, né. Que eu lembro quando nós estudava né, o tempo que nós estudava praticamente era só na baia da caneta, né, do lápis. E aí o professor sempre passava as informação, né, pra gente ir iscreveno, mesmo, né, e agora o pessoal tá trabaiano é cum calculadora, calculando mais cum calculadora, internet, né, tá deixando os conhecimento mais de lado, né, uma coisa que pra mim mudou foi isso, né, as veis tem gente que tá desatualizado...as veis de ver alguns sinais né.

É hoje, eu conversando com vó também sobre esse mesmo assunto, e aí é onde ela citou essa mesma questão que o senhor tá citando né, que antigamente não tinha televisão, não tinha esse negócio de celular, internet, as crianças tinha mais contato até mesmo com os pais né? Com os avós de primeiro, é de primeiro vó conta que acendiam uma fogueira ficava todo mundo ali na beira do fogo ali, contando história, e observando, observava tudo que acontecia ali ao redor né? E hoje não, hoje criança passa o dia todo com celular na mão, é assistindo televisão, mal conversa com o pai, com a mãe, mal conversa com os avô né? E nem tem esse contato com os próprios da família, nem com o que tá acontecendo.

A gente tá vendo claramente as mudança, né? É isso a nova tecnologia que tá surgindo, e aí o pessoal o jovem mesmo não tem conhecimento mais da natureza como era antigamente poucos que tem a gente procura informarem também, né (...)

É, e sobre as profecias, seu Delino o senhor, conhece um pouco assim sobre as profecia, o senhor podia falar um pouco sobre como é que elas são feitas, se todo mundo consegue interpretar.

As profecia é o que eu tava falando, né! Meu avô deixou aquela lembrança pra mim, né! E a gente não pratica também muito, as profecia começa no mês de junho, né! Do dia das festa pra frente né, seis meis contado, todo dia é um meis né, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, né? Aí é a experiência que ele fazia nas pedra de sal, os montim de sal!

Aí ele fazia nos dia santo do mês de junho?

Começava do dia vinte e quatro, e contava os seis dias fazendo aos montim de sal pra ver qual é os meis mais chuvoso, né! É isso que é a experiência das pedra de sal, né! É as profecias santo Antonio, são João e são Pedro;

Mas a gente novato não pratica, né! Eu mesmo passa o tempo, eu esqueço;

É eu sempre via vó falar isso também, tinha vez que ela amanhecia o dia assim, é hoje é outubro, ah outubro vai ser bom de chuva, ela já sabia tudo, nos dias santo, que dia era outubro, que dia que era novembro. Aí foi me despertando essa curiosidade de tá ali perguntando ela!

Pai e mãe tudo fazia essa experiência, eu cansava de ver eles falando, né hoje é outubro, hoje é novembro, hoje é dezembro. Amanhã no caso é janeiro, fevereiro, março, até o final, né? Seis meis, eles contava aqueles meis né? E a gente observava, as veis tinha dia que o dia manhecia limpo, e de mei dia pra tarde ninvuava, aí falava, ó o meis vai ser bom de chuva do mei pro fim. O dia que o dia manhecia ninvuado o dia todo, aí o meis era completo chuvoso, né! É isso que é as profecia né! Que a gente observou dos mais velhos (...)

EU: E assim, é antes antigamente também, é as coisas dava mais com fartura né, e as pessoas tinha ali aquele conhecimento ali; ah e esse ano vai ser bom de chuva,

plantava e colhia tudo né? Hoje as pessoas tá perdendo as roças, a maior parte do que planta, a chuva tá castigando né? Muita falta de chuva. O que o senhor acha? Esses sinais não tá mais frequente como antigamente, não tá acontecendo mais essa manifestação da natureza, para as pessoas vê se ia ser bom ou não de chuva, ou é porque as mesmo parou de tá observando será?

É aí a gente tá um pouco por fora de pensamento né... Nessa parte, porque praticamente as coisas mudou bastante, de quando tinha o tempo de fartura para agora. Parece que a chuva, chuvia mais, o tempo era mais chuvoso né? As veis chuvia os seis meis das aguas né! E agora não tá chovendo as veis se chove um ou dois meis é o máximo né! Ai não dá pra as lavoura ganhar né! Os que planta já não colhe esse sinal aí a gente fala assim né; só que as escrituras falava que quando desse no fim da era as coisas mudava né? Sempre ia ter mudança, tinha que haver mudança; antigamente plantava pouco e colhia muito, e agora Planta muito e colhe pouco, as veis ne, essas é as mudança que a gente tá vendo, é devido os tempo né? A época né, tá mudado.

É essa relação de observar esses sinais que a natureza mostra assim, tipo a das profecias mesmo ou algum sinal no céu, do vento, que indica se ano vai ser bom de chuva, qualquer pessoa que tiver um conhecimento consegue ver, ou é só alguma pessoa mais velha que tiver aquela licença ali?

Eu acredito que sim né? Só os mais véi mermo pra... Pra conhecer né, dos sinal, os sinal que tem... É ventania a gente praticamente a gente não analisa, as veis tem meis que venta bastante, outro meis que já não venta quase né, é um sinal que a gente não tem curiosidade sobre ele, e aquele tempo frio também que vinha no tempo da... Do começo da chuva tamen já não tá acontecendo né; tudo isso a gente observa né; que os tempo mudou, antigamente quando era pra começar a chuva, era uma friagem né, ninvuava os dia tudo, ficava ninvuado, e caindo aquela garoinha né. E agora a chuva vem já ligeiro, as veis tá calor, daí a pouco a chuva chove rapidinho, não tá esfriando mais o tempo. É um sinal que a gente não tá acostumado com ele. Antigamente era assim esfriava primeiro depois pra chover, e agora chove até com calor, com o tempo quente, não tem as experiência, os mais novo que nem, da nossa idade num tem experiência mais, o quê que ta acontecendo né?

Entrevista com uma jovem entre 15 e 20 anos

Bom, eu não tenho muito conhecimento sobre esses assuntos, embora sempre ouvia de pessoas mais velhas da família quando diziam que(e ainda dizem ate hoje) que a natureza nos transmite vários recados;

Segundo algumas pessoas mais velhas muitas coisas mudou, eles falam que antigamente as pessoas eram mais ligadas a natureza, as pessoas prestavam mais atenção nos acontecimentos, como por exemplo: no vento, no canto dos pássaros, nos outros animais, nas mudanças de tempo (mudanças climáticas). Muitos dos mais velhos, da minha família mesmo, já falaram que os jovens de hoje estão muito desligados de assuntos relacionados à natureza.

Só que pra gente que não vivenciou esses acontecimentos que os mais velhos tanto falam, a gente acha tudo normal, pra nós , não tem como a gente afirmar se e o que mudou né?

Eu nunca parei pra prestar atenção se realmente quando a coã canta, se morre alguém, ou se chove; pra mim muitos acontecimentos são apenas coincidências, se uma pessoa morreu depois que a coã cantou, acho que realmente já era pra acontecer, na minha opinião o pássaro não tem nada a ver com isso,(risos).

Só que eu nunca abri minha boca pra falar para uma pessoa mais velha, por exemplo, que alguns acontecimentos ocorrem por acaso, por coincidência, e não

porque um pássaro cantou, ou um animal adivinhou. Eu respeito à opinião de quem acredita né?

Entrevista com um jovem entre 15 e 20 anos

Depoimento de um jovem, quando lhe foi feita as seguintes perguntas: o que você sabe sobre a natureza, como era antigamente, o vínculo entre a natureza e as pessoas? As manifestações da natureza para transmitir alguma informação aos seres humanos? Qual seu ponto de vista sobre o assunto? O que mudou?

Eu já vi muito minha avó, meu avô, minha mãe e meu pai falar de algumas coisas assim do tipo, saber se o ano ia ser “bom de chuva”, ou falar que tava pra acontecer alguma coisa ruim, porque tavam com sonhos ruins ou porque a coã tava cantando;

Falam até hoje da diferença nos tempos... Antigamente chovia mais, tinha mais bichos, as roças produziam mais...

Hoje muitas coisas mudaram segundo o que eles falam né! Eles falam que nós jovens perdemos o interesse de entender, aprender sobre a terra, a natureza (risos), dizem que por causa das novas tecnologias, que os jovens de hoje só querem saber de celular, internet, tablet, TV. Mas eu acho que é porque os tempos mudaram a natureza já não é mais a mesma, não é mais como antes, que a natureza se “manifestava” para as pessoas, muitas espécies de árvores e animais já não existem mais. Foram muitas as transformações climáticas ocorridas com o passar dos anos.

Entrevista com uma mulher com a idade entre 40 e 50 anos

Depoimento de uma mulher, cuja teve que enfrentar os desafios da lida com o território para ajudar o marido no sustento da família;

Eu sempre trabaiei na roça, desde quando ainda era pequena, eu ajudava mãe mais pai; eu ficava pra ajudar mãe no serviço de casa, e fazer comida pros trabaiaador, daí quando dava meio dia nós ia levar comida na roça e lá já fica trabaiano tamen né!

Eu aprendi trabaiaá na roça ajudando pai e mãe, e os serviço de casa eu aprendi olhando e ajudando mãe né;

Daí eu cresci, e casei né, aí como todo mundo sabe aqui no território não é fácil pra ninguém ganhar a vida, os tempo não tá mais como era antes, a chuva diminuiu, então as roças não é mais suficiente para nosso “ganha pão”; então meu marido saiu pra trabaiaá fora, lá no estado de São Paulo;

Eu tive de ficar, já estava grávida e tamen tinha de tomar conta da casa, dos bichim que nós criava(porcos e galinhas). Aí quando chegou na época de botar a roça, eu liguei pra (xx) e falei que queria botar pelo menos uma rocinha, daí ele mandou um pouco de dinheiro, pra poder pagar alguém pra fazer o serviço de derrubada, e preparar a roça; e eu só tomava conta de comida pra os trabaiaador, fazia e ia na roça levar, todo dia(...)

E foi assim que eu aprendi, tudo que sei hoje foi na peleja mesmo, enfrentando o pesado!(...)

Eu perguntei a entrevistada, como ela se sentia, por ter que acostumar com a distancia do marido na maior parte do ano? Se não sentia vontade ir com ele? Ou até mesmo morar , tentar a vida fora do território?

Ah, é ruim né ter que ficar um de lá outro de cá; quando ganhei nenê mesmo, ele não tava aqui. A gente sente muita saudade sabe; e foi aí que no ano seguinte meu marido

foi “rompendo”(primeiro), e deixou pra mim ir depois mais o menino, ele foi no mês de janeiro e e quando foi no mês de março eu fui; só que chegando lá não foi tão fácil como nois pensava; tivemos que alugar uma casa, pagar água, luz e despesas cara, e pra priorar nosso minino ficou duente, e teve que fazer uns exame tudo caro, comprar remédio;

Daí nois viu né que a situação num tava muito boa, aí eu peguei e vim imhora. Desse tempo pra cá, das outras veis que ele foi, eu num quis ir mais não, muitas veis a gente vai caçando miora, mais acha é piora, achando que lá a vida é fácil, mais num é não viu; pra fora tudo é na base do compra;

Também assim, a gente que já costumado aqui, no meio do mato, nunca que a gente custuma cum a vida na cidade; eu mermu num troco minha vida aqui pra morar ne nenhuma cidade(risos);



Esse circulo que envolve o sol é um fenômeno chamado pelo os mais velhos de “lagoa d’agua” e segundo nossos anciãos, indica que a chuva está próxima (fenômeno ocorrido 21de setembro de 2020). Por isso não aparece detalhadamente no texto;

(acervo chayane da mota)



(acervo chayane da Mota)

À esquerda minha mãe, Adanias Felicia da Mota, á direita mina avó, Dona Maria Felicia da Mota.



Meu filho Caio Cesar. (acervo Chayane da mota)



Meu esposo: Adenilson. (acervo Adenilson)



(chayane da mota)